

**O DIÁLOGO DAS PRÁTICAS DE LEITURA NA
CONSTRUÇÃO DO SENTIDO EM SALA DE AULA**
INTERPRETATIVE READING MOVEMENTS IN THE
CLASSROOM

Maria de Fátima Almeida (UFPB)

Abstract: This paper approaches the process of construction of meaning in reading classes with elementary level students, based on François' ideas about the Teoria da Circulação do Discurso and on Bakhtin's thinking about the social-interactive studies. This study shows that the classroom is an appropriate place for the interaction between readers.

Key-words: language – reading – teaching

Resumo: Este estudo versa sobre os movimentos discursivos realizados em aula de leitura, na quinta série do ensino fundamental. É pautado na visão sócio-interacionista de linguagem, especialmente, na teoria da circulação do discurso abordada por François (1996/1998). Nessa perspectiva, a leitura é um movimento interpretativo de construção do sentido que envolve o autor o leitor e o texto.

Palavras-Chave: Linguagem, leitura, ensino

Este texto analisa as práticas de leitura em salas de aula do Ensino Fundamental e Médio. A perspectiva abordada é a sócio-interacionista de Bakhtin/Volochinov (1929/1981) e de François (1996/1998) para quem ler é um processo interpretativo que varia conforme os pontos de vista dos leitores. Para esses autores, a linguagem é interação que só existe na reciprocidade do diálogo, é fenômeno heterogêneo, variável, flexível e sempre situada num contexto sócio-histórico. A leitura é atividade multifacetada, que se realiza pela interação do autor/leitor/texto ou autor/professor/aluno/texto. As práticas de leitura permitem visualizar os movimentos interativos e os papéis do sujeito no processo de construção de sentido, no espaço escolar.

A concepção dialógica de Bakhtin/Volochinov (1929/1981) é sua contribuição maior para as mudanças que se desenvolvem, atualmente, nos diversos domínios de estudo da linguagem. A posição desse autor contra os partidários das tendências filosófico-lingüísticas coloca em evidência, também, o comportamento dos interlocutores na interação. Na visão dialógica, o locutor constrói seu enunciado em função do interlocutor, que tem um papel ativo, constitutivo na

formulação dos enunciados. Visivelmente, é o outro (interlocutor) quem condiciona o que o locutor diz e, desse modo, ambos são colocados no mesmo plano. Dessa forma, Bakhtin/Volochinov (1929/1981) e Bakhtin (1992) criticaram os estudos centrados na oração e propuseram uma nova disciplina, cujo objeto de estudo seria o enunciado. Inserir o locutor e o receptor no funcionamento da linguagem é admitir que o processo de compreensão não se limita à identificação de forma lingüística.

Para se compreender o processo de produção de sentido, na visão de Bakhtin/Volochinov, é necessário considerar dois níveis de significação: na língua e no discurso, os quais se distinguem pelos conceitos de tema e significação. O tema - é individual e não reiterável, é o sentido contextual determinado pelos elementos verbais e não-verbais e a significação - é o sentido potencial ou possibilidade de significar, no sistema da língua ou a palavra no dicionário. No que respeita à língua, os elementos são reiteráveis e idênticos, sendo abstratos por não terem existências concreta isoladamente. Nesse fenômeno, Bakhtin/Volochinov (1981:132) revela que toda a palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou 'apreciativo'. Esses conceitos são extremamente importantes para o trabalho com leitura que varia conforme a situação. Nessa perspectiva, a significação não se situa no falante nem no ouvinte, mas no efeito interativo do material sonoro produzido entre os interlocutores.

Nessa mesma linha temos François (1984, 1998) para quem a linguagem caracteriza-se, principalmente, pela diversidade de modos de significar e pela multiplicidade semiológica manifesta pelos movimentos constitutivos do discurso. O diferencial é que, além disso, esse pesquisador realizou estudos empíricos de gêneros dialogados e elaborou categorias de análise que podem dar conta do funcionamento da interação em sala de aula, seja em aulas de leitura, seja em outras formas de interação. Esse autor valoriza mais o modo como os signos apresentam seu objeto que o significado que eles veiculam isoladamente. O sentido não está pronto, acabado, mas é uma construção interativa entre sujeitos heterogêneos e definido pelas práticas sociais, logo, precisa ser interpretado.

Para François (1994) a compreensão não depende só do locutor, há certa especificidade na significação enquanto passa pela linguagem. Desse ponto de vista, os interlocutores possuem algo de comum e algo

que os diferenciam. Essa base comum é construída no espaço da comunidade por ocasião da aprendizagem da mesma língua, dos sinais da afetividade do outro e pelas formas habituais de relacionamentos ou das condutas humanas. A esse núcleo básico se opõem os fatores que permitem caracterizar o interlocutor como único: o sexo, a idade, os seus modos de perceber e de sentir etc. Esse jogo entre comum-diferente dá-nos a percepção da opacidade da linguagem e fornece subsídios para dizermos com François (1996:3) que não há uma lógica única e comum às diferentes maneiras de produzir sentido, mas que este resulta da interação e da influência dos interlocutores, do contexto e da singularidade dos usuários da língua.

Nessa perspectiva, os enunciados não são portadores de mensagens prontas e acabadas, mas permitem ao ouvinte resgatar, em sua memória, o que lhe interessa ou faz sentido na fala do interlocutor. Essa forma de construir sentido resulta dos movimentos de interpretação, que se constituem nas várias possibilidades de olhar, sem necessariamente implicar regras sintáticas ou forma lingüística. Para François (1996:54), trata-se antes de entender a linguagem como movimento, do que como sistema unificado obedecendo a regras. Essas regras sintáticas são mecanismos que contribuem, mas não são suficientes para dizer o sentido. A linguagem não é apenas informação, mas um modo de construção de sentido que pode ser veiculado pelos encadeamentos entre enunciados (próprios ou do outro), que podem ou não ser codificados pelas estruturas da língua.

O diálogo oral é o lugar onde melhor se observa o funcionamento da linguagem, a pluralidade que ocorre nos atos ou jogos de linguagem. François (1996) postula que o caráter plural dos jogos se traduz pela multiplicidade significativa dos usos, repetição-modificação, pergunta, resposta, refutação ou aceitação etc. Resumindo a posição desse autor, a linguagem pode funcionar como índice, nomeação do objeto presente, remetida a um objeto real ausente e a um objeto que não pode ser apreendido senão pela linguagem, utopia, ideologia, devaneio, mentira. Dessa perspectiva, situaremos, também, a análise dos movimentos discursivos como um modo de significar, que vai além das formas lingüísticas. Para François (1996/1998), o sentido está entre o dito e o não-dito, o genérico e o particular ou nos encadeamentos e deslocamentos temáticos e tudo o que forma o *horizonte discursivo* das atividades leitoras na escola. Vejamos o texto lido e os fragmentos da aula, selecionados para ilustrar esta discussão.

Exemplo 1

L.195	P:	olha para cá... oh !... ei !... olha pra mim... olha pra cá !... olha pra
L.196		cá... para o quadro... olha pra mim... olha pra você... são três... oh
L.197		!... olha a trindade santa aqui... oh !... eu... tu e o texto então... oh
L.198		!... veja bem !... o que foi que nós conseguimos ver... ler aqui...
L.199		nesse texto ?... primeiro... foi o quê ... a questão da...
L.200	A_s:	AIDS...
L.201	P:	segundo ?...
L.202	A_s:	gravidez...
L.203	P:	terceiro ?...
L.204	A_s:	DST...
L.205	P:	e o quarto ?...
L.206	A_s:	casamento...
L.207	P:	o casamento... a proteção no casamento... que foi visto pelo quê ?...

O movimento de injunção manifesto pelo enunciado *olha para cá* é um pedido de atenção para que a turma se concentre no que vem a seguir no evento da aula. Embora na interação durante a aula possamos ver os lugares ocupados por outros interlocutores, aqui a professora está sempre à frente para conduzir a aula e organizar a leitura do texto: *olha para cá, olha para mim, olha para o quadro, olha para o texto*. Essa é uma atitude de enquadrar o leitor num horizonte de sentido, enfatizando o que foi lido até esse momento.

A maneira como a professora se refere à questão da “trindade santa” é uma retomada dos três principais componentes que partilham seus conhecimentos na leitura. Ao abordar o eu, tu e o texto, ela mostra a concepção de leitura construída na interação, que deverá ser a sócio-interacionista. O texto é o lugar de encontro do sentido, no qual se articulam o ponto de vista do autor com o do leitor, sendo a leitura uma produção e não um reconhecimento de sentido. Aqui, mais uma vez a professora usa a criatividade fazendo a comparação dos elementos do processo de ler com a trindade santa e situa a linguagem como um lugar privilegiado da interlocução. Assim, ler é um ato interativo.

Enfatizamos o movimento de confirmação da professora, manifesto pela síntese, em que ela retoma os aspectos discutidos para mostrar o que já foi possível ser lido ou interpretado por meio da pergunta, a qual os alunos respondem, num coro em voz alta. Verificamos que houve uma construção conjunta do sentido ou que

ocorreu um processo de ler compartilhado. A professora encerra o comentário com outra pergunta de esclarecimento sobre a prevenção como proteção também para o casamento. Assim é todo o decorrer da aula uma busca constante de interações para que o sentido seja construído e não algo pronto. Vejamos a continuidade da aula.

Exemplo 2

L.208	P:	agora... vamos ver... quem representa AIDS... aqui ?...
L.209	A₉:	homem...
L.210	P:	quem representa AIDS... é o homem ?...
L.211	A₉:	não... todos... não... os dois... a camisinha...
L.212	P:	os dois representam AIDS ?... quer dizer que o elemento... perai
L.213		!... assim... preste atenção... oh !... digamos que este texto... que
L.214		está aqui... ei!... olha para o quadro !... digamos que eu tirasse
L.215		esta mão daqui... tirasse essa mão daqui... oh !... tirasse esse
L.216		código verbal aqui... QUEM AMA USA... e tirasse a palavra
L.217		camisinha... e ficasse somente esse objeto aqui... oh !... que eu
L.218		nem sei que objeto é esse !... que objeto é esse mesmo ?...
L.219	A₉:	camisinha...
L.220	P:	aí... se ficasse só esse objeto... nessa situação... você leria isso...
L.221		como o que ?... vocês leriam como o quê ?... se tivesse só esse
L.222		objeto ?... sim... se tivesse só... esse objeto aqui ?...
L.223	A_s:	AIDS... ((muitas falas))
L.224	P:	como é ?... como é ?... eu não ouvi !... você não fala ?... ((muitas falas))
L.225	A₁₀:	fala...
L.226	P:	ah !... fala !... então diz !... você consegue entender ?... você se
L.227		comunica ?...
L.228	A₁₁:	comunica...
L.229	P:	então... o que vocês conseguiram entender... aí... só com a
L.230		camisinha?...
L.231	A_s:	para evitar a AIDS...
L.232	P:	eu entendi que... só com a camisinha... pode se prevenir contra a AIDS... ((muitas falas))

Nesse fragmento, a prática de leitura tem como estratégia a desconstrução do texto, na qual a professora sugere que sejam retirados

elementos do texto verbal, permanecendo apenas o não-verbal, focalizando principalmente a camisinha. Desse modo é que ela busca construir novos sentidos para o texto, através do conhecimento prévio e de mundo sobre a expressão *quem ama usa camisinha*, a professora está inferindo a idéia de prevenção, mas outro leitor sem esse conhecimento não faria essa inferência, pois a escola geralmente trabalha com textos consagrados, contidos no manual didático e não explora a linguagem não-verbal.

Nesta seqüência, a professora usa a estratégia de desconstrução do texto para fazer com que os alunos observem as partes retiradas e possam reconstruí-lo, atribuindo sentidos. Através desses movimentos de desconstrução e reconstrução, a professora busca saber se as partes isoladas comunicam, se ainda assim há sentido. Esse fato torna a atividade de leitura um trabalho interpretativo e dinâmico, que mostra como o aluno-leitor se institui no texto, cabendo a ele não somente reconhecer/identificar alguns elementos do texto, mas revelar o efeito de sentido de sua leitura, que é um movimento de reconstrução textual e implica a construção interativa do sentido do texto. Há, ainda, um deslocamento do sentido que remete para o processo de compreensão que é um ato comunicativo, como mostra a fala da professora: *você consegue entender? você se comunica?* Notadamente, há um entendimento de que compreender é mais do que ler as estruturas gramaticais, ler é entrar no jogo comunicativo e relacionar-se com o outro. Esse é um processo que precisa ser sempre utilizado para mobilizar ou envolver os participantes da interação em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise revela que é complexo e diversificado o universo da linguagem e da leitura, ambas situadas enquanto interação, construção e interpretação. O processo de ler na sala de aula é único, envolve a situação e os leitores, que são únicos e plurais e depende da enunciação que também é única. O ato de ler é um momento singular, envolve a mobilidade específica ou de uso da palavra.

Nesta leitura, a professora é quem mais ocupa o espaço discursivo interagindo com o aluno, realizando os encadeamentos para construir o sentido. A sala de aula de aula é um lugar de muitas vozes, do comum e do diferente, do particular e do genérico. Assim, esperamos poder adotar uma outra visão de leitura na escola, a qual privilegie os usos efetivos da linguagem e pretendemos que outros possam nos seguir,

eis a sugestão. Sugerimos a perspectiva sócio-interacionista como opção viável para o Ensino Fundamental e para quem deseja penetrar nas “viagens” que o mundo da leitura oferece ao leitor, numa sociedade mediatizada como a nossa. Logo, o ato de ler na escola é um processo de interação ou de co-participação, co-criativo, re-criativo e trans-criativo, um diálogo do autor com o leitor possível sobre o objeto em foco, o texto. Ler é movimento interativo e/ou modo de compreender a variedade significativa e a pluralidade existente conforme o gênero que é oferecido à leitura na sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria de Fátima. *Linguagem e leitura: movimentos discursivos da leitura na construção do sentido do texto na sala de aula da 5ª série*. Recife, Tese de doutorado, 2004.
- BAKHTIN, Voloshinov. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BRAIT, Bety. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- FRANÇOIS, Frédéric. *Sens, sujet, genres... que faire des grandes mots?* Revista Investigações. Recife. UFPE. 2003.
- _____. *Fonction, genres et mouvements discursifs*. Um essai de clarification. (Mimeo) 2002.
- _____. *Le discours et ses entours*. Paris: Editora L'Harmattan, 1998.
- _____. *Práticas do oral: diálogo, jogo e variações das figuras do sentido*. (Trad.) Lélia E. Melo Carapicuíba, São Paulo: Pró-Fono, Departamento Editorial, 1996.

